

Tradução

A aldeia industrial do futuro

Piotr Alexeyevich Kropotkin

Tradução:


Breno Viotto Pedrosa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Instituto de Geociências.

Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Brasil

brenoviotto@gmail.com

 0000-0003-3204-8992

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 26 • nº 1 (2022)

ISSN 2179-0892

e-191960

Como citar este artigo:

KROPOTKIN, P. A. A aldeia industrial do futuro. Trad. Breno Viotto Pedrosa. **Geosp**, v. 26, n. 1, e-191960, abr. 2022. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/191960>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2022.191960>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

A aldeia industrial do futuro¹

Resumo

“The industrial village of the future” foi publicado originalmente na *Nineteenth Century*, no número de abril-junho de 1888. Esse texto de Kropotkin iria compor, com modificações, o capítulo 3 do livro *Fields, factories and workshops* (1898). Neste artigo, o geógrafo anarquista se dedica à geografia econômica para mostrar as relações entre o trabalho industrial e o agrícola, assim como a importância do artesanato e da pequena indústria, mesmo no sistema fabril, caracterizado pela produção em larga escala e pelo uso farto de maquinário. Kropotkin expande sua crítica à divisão social do trabalho e à privação dos meios de produção, além de identificar uma tendência à desconcentração urbano-industrial entre os países mais dinâmicos nos aspectos produtivo e social.

Palavras-chave: Pequenas indústrias e comércios. Industrialização. Urbanização. Relação campo-cidade.

The industrial village of the future

Abstract

“The industrial village of the future” was originally published in the *Nineteenth Century*, in the April-June 1888 issue. This text by Kropotkin will compose with modifications the chapter 3 of the book *Fields, factories and workshops* (1898). In this article, the anarchist geographer dedicates himself to economic geography to demonstrate the relationship between industrial and agricultural work, as well as the importance of handcraft and small industry, even in the face of the industrial system, whose characteristic is large-scale production and the abundant use of machinery. Kropotkin expands his critique of the social division of labor and the deprivation of the means of production, in addition to identifying a trend towards urban-industrial spatial spread among the most dynamic countries from a productive and social point of view.

Keywords: Petty trades. Industrialization. Urbanization. Country-city relation.

¹ Traduzido por Breno Viotto Pedrosa a partir do original: KROPOTKIN, Piotr. THE INDUSTRIAL VILLAGE OF THE FUTURE. *The Nineteenth century and after: a monthly review*, v. 24, n. 140, p. 513-530, 1888.

La aldea industrial del futuro

Resumen

“The industrial village of the future” fue publicado originalmente en *Nineteenth Century*, en el número de abril-junio de 1888. Este texto de Kropotkin compondrá con modificaciones el capítulo 3 del libro *Fields, factories and workshops* (1898). En este artículo, el geógrafo anarquista se dedica a la geografía económica, demostrando la relación entre el trabajo industrial y agrícola, así como la importancia de la artesanía y la pequeña industria, incluso frente al sistema industrial, cuya característica es la producción a gran escala y el uso abundante de maquinaria. Kropotkin amplía su crítica a la división social del trabajo y la privación de los medios de producción, además de identificar una tendencia hacia la desconcentración urbano-industrial entre los países más dinámicos desde el punto de vista productivo y social.

Palabras clave: Pequeñas industrias y comercio. Industrialización. Urbanización. Relación campo-ciudad.

As duas artes irmãs, a agricultura e a indústria, nunca estiveram tão distantes uma da outra como agora. Houve um tempo, e esse tempo não é remoto, em que ambas se combinavam perfeitamente: as aldeias eram então as bases de uma variedade de indústrias e os artesãos nas cidades não abandonavam a agricultura; várias cidades não eram nada além de aldeias industriais. Se a cidade medieval foi o berço dessas indústrias pioneiras que ladeavam a arte e pretendiam suprir as demandas das classes mais abastadas, ainda foi a manufatura rural que supriu as necessidades de milhões; isso permaneceu assim até os dias atuais na Rússia. Mas então vieram os motores movidos a água, o vapor, o desenvolvimento de maquinário, e eles romperam o elo que antes ligava a fazenda à oficina. As fábricas cresceram e abandonaram os campos. Reuniam-se onde a venda de seus produtos era facilitada ou onde a matéria-prima e os combustíveis podiam ser obtidos com mais vantagem. Novas cidades surgiram, e as antigas aumentaram numa velocidade impressionante; os campos estavam desertos. Obrigados a deixar suas casas, milhões de trabalhadores reuniram-se nas cidades em busca de trabalho e logo esqueceram os laços que antes os ligavam ao solo. E nós, em nossa admiração pelos prodígios alcançados sob o novo sistema fabril, negligenciamos as vantagens do antigo sistema, em que o lavrador do solo era, ao mesmo tempo, o trabalhador industrial. Nós condenamos ao desaparecimento todos aqueles ramos da indústria que antes costumavam prosperar nas aldeias; condenamos na indústria tudo o que não fosse uma grande fábrica.

É verdade que os resultados foram significativos no que diz respeito ao aumento da capacidade produtiva do homem. Mas eles se provaram terríveis no que diz respeito aos milhões de seres humanos que foram mergulhados numa miséria sem precedentes em nossas cidades.

O sistema como um todo acarretou aquelas condições bastante anormais que procurei expor em dois artigos anteriores.² Estamos, assim, nos conduzindo a um beco sem saída; e, enquanto uma mudança completa nas relações atuais entre trabalho e capital se torna uma necessidade imperiosa, um remodelamento de toda a nossa organização industrial também se tornou inevitável. As nações industriais estão destinadas a se voltarem para a agricultura, elas são compelidas a encontrar as melhores maneiras de combiná-la com a indústria, e devem fazê-lo sem perda de tempo. Examinar a questão especial quanto à possibilidade de tal combinação é o objetivo destas páginas. Isso é possível, de um ponto de vista técnico? É desejável? Existem, em nossa atual vida industrial, os atributos que podem nos levar a presumir que uma mudança na direção indicada acima encontraria os elementos necessários para sua realização? – Essas são as questões que levanto. E, para respondê-las, suponho que não haja melhor maneira do que o estudo daquele imenso mas negligenciado e subestimado ramo de indústrias que se designa como indústria rural, comércio doméstico ou pequeno negócio: para estudá-lo, não pelos economistas que estão muito inclinados a considerá-los tipos obsoletos de indústria, mas em sua própria vida, em suas lutas, seus fracassos e suas realizações.

A maior parte dos pequenos negócios, devemos admitir, está em uma condição muito precária. Os salários dos trabalhadores são muito baixos e o emprego, incerto; a jornada de trabalho é duas, três ou quatro horas mais longa do que nas fábricas; as crises são frequentes e perduram por anos. E a cada vez que uma crise assola alguns ramos dos pequenos negócios, não faltam escritores para prever o seu rápido desaparecimento. Durante a crise entre os relojoeiros suíços que eu testemunhei em 1877, a impossibilidade de recuperar o negócio diante da competição com os relógios feitos à máquina foi um assunto recorrente na imprensa. O mesmo foi dito em 1882 a respeito do comércio de seda em Lyon, e, de fato, onde quer que tenha eclodido uma crise em pequenos negócios. Entretanto, a despeito das previsões sombrias e das perspectivas ainda mais sombrias dos trabalhadores, essa forma de indústria não desapareceu. Não, nós a encontramos com uma vitalidade impressionante. Ela sofre várias modificações, se adapta às novas condições, luta sem perder inteiramente a esperança de que tempos melhores virão. De qualquer forma, ela não tem as características de uma instituição decadente. Em algumas indústrias, a grande fábrica é indubitavelmente vitoriosa; mas existem outros ramos nos quais os pequenos negócios mantêm sua própria posição. Mesmo nas indústrias têxteis que oferecem tantas vantagens para o sistema fabril, o tear manual ainda compete com o tear mecânico. Como um todo, a transformação dos pequenos negócios em grandes indústrias avança com uma lentidão que não pode deixar de espantar mesmo aqueles que estão convencidos de sua necessidade. Não, às vezes podemos até ver o movimento reverso – ocasionalmente, é claro, e apenas por um tempo. Não posso esquecer meu assombro quando vi em Verviers,³ há quase 10 anos, que a maioria das fábricas de tecidos de lã – imensos galpões voltados para as ruas, com mais de uma centena de janelas cada – estava em silêncio, e seu maquinário custoso estava enferrujando, enquanto os tecidos eram fiados em teares manuais nas casas dos tecelões, para os proprietários

2 Possivelmente, Kropotkin se refere a “The breakdown of our industrial system” e “The coming reign of plenty ambos”, publicados no volume 3 da *Nineteenth Century*, de 1888. [N.T.]

3 Cidade francesa da região de Auvergne-Rhône-Alpes. [N.T.]

dessas mesmas fábricas. Aqui temos, é claro, apenas um fato temporário, totalmente explicado pelo caráter espasmódico do comércio e pelas pesadas perdas sofridas pelos proprietários das fábricas quando eles não puderam operar suas fiadeiras durante todo o ano. Mas isso ilustra os obstáculos que a transformação teve que superar. Quanto ao comércio de seda, ele continua a se espalhar pela Europa em sua forma de indústria rural; enquanto centenas de pequenos negócios aparecem a cada ano, e quando eles não encontram ninguém para realizá-los nas aldeias – como é o caso neste país⁴ – eles se abrigam nos subúrbios da cidade, como nós aprendemos agora a partir da investigação do *sweating system*.⁵

Ora, as vantagens de uma grande fábrica em comparação ao trabalho manual são evidentes no que tange à economia do trabalho, às facilidades tanto para a venda quanto para ter a produção bruta a um preço baixo, e assim por diante. Como explicar a persistência dos pequenos comerciantes? Há muitas causas, e várias delas não podem ser avaliadas em tostões⁶ ou centavos, estão a serviço dos pequenos negócios, e essas causas serão vistas de maneira mais satisfatória nos esclarecimentos que se seguem. Devo dizer, entretanto, que mesmo um breve esboço das incontáveis indústrias que se desenvolvem em uma escala pequena neste país e no continente estaria muito além do escopo de um artigo de revisão. Quando comecei a estudar o tema há cerca de sete ou oito anos, nunca achei, pela pouca atenção dedicada a elas pelos economistas ortodoxos, que uma ampla, complexa, importante e interessante organização apareceria ao final de uma investigação atenta. Então, vejo-me compelido a apresentar aqui apenas algumas poucas explicações típicas e a preparar um trabalho separado que incorporará a massa de materiais que reuni sobre o tema.

Até onde eu sei, não existem neste país estatísticas sobre o número exato de trabalhadores empregados no comércio doméstico, nas indústrias rurais e nos pequenos negócios. O tema nunca recebeu a atenção concedida a ele na Alemanha, e especialmente na Rússia. E, ainda, podemos supor que mesmo nesse país de grandes indústrias, o número daqueles que ganham seu sustento em pequenos negócios é provavelmente equivalente, se não for superior, ao número de empregados em grandes fábricas.⁷ Nós sabemos, em qualquer nível, que os subúrbios de Londres, Glasgow e outras grandes cidades estão repletas de pequenas oficinas, e que existem regiões onde as indústrias domésticas são tão desenvolvidas quanto na Suíça ou na Alemanha. Sheffield é um exemplo bem conhecido nesse aspecto. A cutelaria de Sheffield – uma das glórias da Inglaterra – não é feita por máquinas: ela é principalmente feita à mão. Existem em Sheffield poucas firmas que manufaturam talheres, desde a fabricação do aço à finalização das ferramentas, e empregam trabalhadores assalariados; mesmo essas firmas – disse-me meu amigo

4 Kropotkin se refere à Inglaterra. [N. T.]

5 Expressão que designa um sistema laboral no qual os trabalhadores cumprem longas jornadas de trabalho, frequentemente em condições insalubres e com baixa remuneração. [N. T.]

6 *Xelins* no original. [N. T.]

7 Encontramos estabelecido em vários trabalhos econômicos que há quase 1.000.000 de trabalhadores empregados nas grandes fábricas da Inglaterra e 1.047.000 empregados em pequenos negócios – os vários negócios relativos a alimentos (padeiros, açougueiros e outros tantos), estando a construção civil incluída no último dado. Mas não sei até que ponto esses números são confiáveis.

E. Carpenter,⁸ que gentilmente reuniu para mim informações sobre o comércio de Sheffield – deixam uma parte do trabalho para os “pequenos mestres”. Mas, de longe, o maior número de cuteleiros trabalha em casa, com os parentes, ou em pequenas oficinas equipadas com máquinas [wheel-power], que eles alugam por alguns tostões por semana. Imensos pátios estão cobertos por construções, que são subdivididas numa série de pequenas oficinas. Alguns deles cobrem apenas algumas jardas quadradas, e lá eu vi ferreiros martelando o dia inteiro lâminas de faca numa pequena bigorna, perto da brasa de sua fornalha; ocasionalmente, o ferreiro pode ter um ou dois ajudantes. Nos andares superiores das pequenas oficinas há máquinas, e em cada uma delas três, quatro ou cinco trabalhadores e um “mestre” fabricam, com a ajuda ocasional de algumas máquinas simples, cada tipo de ferramenta: lima, serra, lâmina de faca ou navalha, entre outras. O esmerilhamento e o envidraçamento são feitos em outras pequenas oficinas, e até mesmo o aço é fundido numa pequena fundição, cuja equipe de trabalho consiste apenas em cinco ou seis homens. Quando caminho por essas oficinas, facilmente me imagino numa aldeia russa de cutelaria como Pavlovo ou Vorsma. Assim, a cutelaria de Sheffield mantém sua antiga organização, e o fato é tão notável quanto os rendimentos dos cuteleiros, geralmente muito baixos; mas, mesmo quando reduzidos a alguns tostões por semana, o cuteleiro prefere vegetar com seus poucos rendimentos do que trabalhar como assalariado numa “casa”. O espírito das antigas organizações mercantis, de que tanto se falava há vinte e cinco anos, ainda está vivo.

Até recentemente, Leeds e seus arredores também abrigavam uma extensiva indústria doméstica. Quando Edward Baines escreveu, em 1857, seu primeiro inventário das indústrias de Yorkshire (em *Yorkshire, past and present*, com Thomas Baines), a maior parte do tecido de lã feito naquela região era cosido à mão.⁹ Duas vezes por semana, o tecido feito à mão era levado ao *Clothier's Hall* e, ao meio-dia, vendido aos comerciantes, que os decoravam em suas fábricas. As fábricas de fiar funcionavam em conjunto, combinando fabricantes de roupas para preparar e fiar a lã, não obstante elas serem cosida em teares manuais pelos tecelões e membros de sua família. Doze anos depois, o tear manual foi, em grande medida, substituído pelo tear mecânico; mas os tecelões, que queriam manter sua independência, recorreram a uma organização peculiar: alugavam um cômodo ou parte dele, e às vezes também teares mecânicos numa oficina, e trabalhavam de maneira independente – uma organização característica que se mantém parcialmente até hoje e bem projetada para ilustrar os esforços dos pequenos comerciantes para manter sua base, apesar da competição da fábrica. Deve-se dizer que os triunfos da fábrica foram frequentemente alcançados apenas por meio de adulterações fraudulentas e pela exploração da mão de obra infantil. A trama de algodão tornou-se bastante comum em mercadorias etiquetadas como “lã pura” ou de “má qualidade” [*shoddy*] – isto é, lã penteada de trapos velhos recolhidos em todo o continente e que antes só era usada para cobertores fabricados para os indígenas na América – se tornam de uso geral. Nesses tipos de mercadoria, as fábricas tinham excelência. Existem ainda ramos do comércio de lã em que o trabalho manual é a regra, especialmente em bens extravagantes que requerem continuamente novas adaptações para demandas temporárias.

8 Possivelmente, o poeta socialista Edward Carpenter. [N.T.]

9 Quase metade dos 43.000 operativos empregados naquele tempo no comércio de lã da região eram tecelões de tear manual, bem como um quinto das 79.000 pessoas empregadas no comércio de lã penteada.

Assim, em 1881, os teares manuais de Leeds estavam bastante ocupados com a fabricação de imitações de lã das peles de foca.

A variedade de indústrias domésticas que persistiram no Lake District¹⁰ é muito maior do que se poderia esperar, mas elas ainda aguardam exploradores cuidadosos. Menciono apenas os fabricantes de aros, o comércio de cestas, os carvoeiros, os fabricantes de bobinas e as pequenas fornalhas de ferro que funcionam a carvão em Backbarrow, entre outras.¹¹ De modo geral, nós não conhecemos bem os pequenos negócios deste país e, assim, às vezes nos deparamos com fatos um tanto inesperados. Poucos escritores continentais que versam sobre tópicos industriais suporiam de fato que os pregos ainda são feitos à mão por milhares de homens, mulheres e crianças no Black Country de South Staffordshire, assim como em Derbyshire.¹² As correntes também são feitas à mão em Dudley e Cradley e, embora a imprensa seja movida periodicamente a falar da condição miserável dos fabricantes de correntes, o comércio ainda se mantém; enquanto quase 7.000 homens estão ocupados em suas pequenas oficinas confeccionando fechaduras, mesmo as mais simples, em Walsall, Wolverhampton e Willenhall. As várias ferragens relativas a adereços para cavalos – bridões, esporas, freios, entre outros – também são amplamente feitas à mão em Walsall. Não, Sr. Bevan nos conta que até mesmo as agulhas são largamente feitas à mão em Redditch.

O comércio de armas e rifles de Birmingham é bem conhecido. Quanto aos vários ramos têxteis, ainda existem importantes divisões no Reino Unido, onde uma variedade de comércios domésticos está conectada aos têxteis, que se desenvolvem em grande escala. Preciso apenas mencionar as indústrias caseiras da Irlanda e as rendas feitas à mão em South Devon, assim como nos condados de Buckingham, Oxford e Bedford; artigos de malha são uma ocupação comum nas aldeias dos condados de Nottingham e Derby, e várias grandes firmas de Londres encomendam tecidos para serem feitos nas aldeias de Sussex e Hampshire. Malharias de lã estão em casa nas aldeias de Leicester e, especialmente, na Escócia; trançadores de palha e chapeleiros estão em muitas partes do país; enquanto em Northampton, Leicester, Ipswich e Stafford a sapataria é uma ocupação doméstica amplamente difundida ou continua a ser realizada em pequenas oficinas; mesmo em Norwich, ela permanece majoritariamente como um pequeno comércio, apesar da competição das fábricas.

Os pequenos negócios são, portanto, um fator importante da vida industrial, mesmo na Grã-Bretanha, apesar de vários deles terem se concentrado nas cidades. Mas, se encontramos nesse país muito menos indústrias rurais que no continente, não devemos imaginar que seu desaparecimento se deva apenas a uma competição acirrada com as fábricas. As principais causas são o êxodo compulsório das aldeias e a acumulação de um número imenso de despossuídos nas cidades. As oficinas, muito mais que as fábricas, se multiplicam onde quer que encontrem mão de obra barata; e a particularidade desse país é que a mão de obra barata – isto é, o maior número de despossuídos – está nas grandes cidades. A agitação surgida (sem resultado) em relação às “habitações dos pobres”, aos “desempregados” e ao *sweating system*

10 Região no noroeste da Inglaterra. [N.T.]

11 Notas de E. Roscoe na *English Illustrated Magazine*, maio de 1884.

12 Bevan's Guide to English Industries.

expôs totalmente esse traço característico da vida econômica da Inglaterra e da Escócia; e as pesquisas meticolosas feitas pelo Sr. Booth e comunicadas à Sociedade Estatística mostraram que um quarto da população de Londres – isso é, 1.000.000 em 3.800.000 habitantes – seria feliz se o chefe de sua família tivesse rendimento regular inferior a 1 libra por semana durante o ano inteiro. Metade deles estaria satisfeita com muito menos que isso. A mão de obra barata é oferecida em tais quantidades em Whitechapel e Southwark, em Shawlands e outros subúrbios das grandes cidades, cujos comércios pequenos e domésticos, os quais estão espalhados em aldeias no continente, se concentram, nesse país, nas cidades. Faltam cifras exatas sobre as pequenas indústrias, mas uma simples caminhada pelos subúrbios de Londres ajudar-nos-ia a entender a variedade de pequenos negócios que pululam na metrópole e, de fato, em todas as principais aglomerações urbanas. As evidências apresentadas ante o comitê do *sweating system* mostraram até que ponto as casas de móveis e tecidos e os bazares Bonheur des Dames de Londres são meras exibições de amostras ou mercados para a venda da produção das pequenas indústrias. Milhares de “subcontratados” [*sweaters*], alguns deles proprietários de oficina e outros apenas distribuindo trabalho para novos subcontratados, que o distribuem novamente em meio aos despossuídos, suprem aquelas casas e bazares com mercadorias feitas nas áreas pobres e degradadas ou em pequenas oficinas. O comércio está centralizado nesses bazares – não na indústria. Portanto, as lojas de móveis e os bazares só estão ocupando o papel que o castelo feudal ocupava antes na agricultura: centralizam os lucros – não a produção.

Na realidade, a extensão dos pequenos negócios, lado a lado com as grandes fábricas, não é de surpreender. A absorção das pequenas indústrias é um fato, mas existe outro processo, paralelo a esse, que consiste na criação contínua de novas indústrias, geralmente inauguradas em pequena escala. Cada nova fábrica dá vida a uma série de pequenas indústrias, tanto para suprir suas próprias necessidades quanto para submeter sua produção a uma transformação futura. Assim, para citar apenas um exemplo, os moinhos de algodão criaram uma demanda significativa por bobinas e carretéis de madeira, e milhares de homens no Lake District se organizaram para fabricá-los – primeiramente à mão, depois com a ajuda de maquinário simples. Só recentemente, depois de anos gastos para inventar e aprimorar o maquinário, as bobinas começaram a ser feitas em larga escala nas fábricas. Ainda assim, como as máquinas são muito caras, um grande número de bobinas são feitas em pequenas oficinas, com pouco auxílio de máquinas, enquanto as próprias fábricas são relativamente pequenas e raramente empregam mais de cinquenta operários – principalmente crianças. Assim como os carretéis de formato irregular, eles ainda são feitos à mão ou parcialmente nas pequenas máquinas continuamente inventadas pelos trabalhadores. Assim, novas indústrias crescem para suplantarem as antigas; cada uma delas passa por um estágio preliminar em pequena escala antes de atingir o estágio fabril; e, quanto mais ativo o gênio inventivo de uma nação, mais ela tem dessas indústrias auxiliares.

Além disso, a fábrica estimula o nascimento de novos pequenos negócios ao criar novas demandas. O baixo valor dos algodões e lãs, do papel e do bronze criou centenas de novas pequenas indústrias. Nossas residências estão cheias de sua produção – principalmente coisas de invenção bastante moderna. Enquanto algumas delas já são produzidas aos milhões nas fábricas, todas passaram pelo estágio da pequena oficina antes que a demanda ficasse grande o

suficiente para exigir a organização fabril. Quanto mais tivermos novas invenções, mais teremos essas pequenas indústrias; e, novamente, quanto mais as tivermos, ainda mais nós teremos um gênio inventivo, cuja falta é tão justamente reclamada por William Armstrong (1º Barão). Não nos devemos maravilhar, portanto, se vemos comércios tão pequenos neste país; mas devemos lamentar que grande parte deles tenha abandonado as aldeias por causa das más condições de posse da terra e que tenha migrado em tal número para as cidades, em detrimento da agricultura.

A variedade de pequenos negócios desenvolvidos na França, tanto nas cidades quanto nas aldeias, é muito grande e seria mais instrutivo ter uma descrição geral daquelas indústrias pequenas e mostrar sua importância para a economia nacional. Deixem-me apenas dizer que a própria manutenção da pequena propriedade camponesa em várias partes da França se deve, em grande medida, à renda adicional que diversos camponeses obtêm das manufaturas rurais. De fato, estima-se que, enquanto metade da população da França está vivendo da agricultura e um quarto, da indústria, a quarta parte está igualmente distribuída entre a grande indústria e os pequenos negócios, o que fornece assim os meios de existência para nada menos que 1.500.000 trabalhadores – mais de 4.000.000 pessoas, incluídas as famílias. Quanto à população rural que recorre a negócios domésticos sem abandonar a agricultura, só podemos afirmar que seu número é considerável, sem saber as estatísticas exatas.

O traço mais característico dos pequenos negócios franceses é que eles continuam a ocupar uma posição importante nas manufaturas têxteis. Assim, supõe-se que, durante a última Exposição (1878)¹³ na França, existiam 328.000 teares manuais, contra 120.000 teares mecânicos, e, embora um grande número desses teares esteja agora em silêncio, ainda assim os teares manuais em funcionamento ultrapassam um quarto de milhão. Não é minha intenção aqui entrar em uma descrição detalhada dos pequenos negócios franceses, e eu mencionarei apenas os quatro principais centros – Tarare, o Norte, Lion e Paris – como quatro tipos diferentes e característicos de pequenas indústrias. Na manufatura de musselinas, Tarare ocupa a mesma posição que Leeds ocupava antes no comércio de roupas. Suas fábricas preparam os materiais para tecer as musselinas e dão o acabamento final aos produtos que foram tecidos nas aldeias. Cada casa de camponês, fazenda e *métairie* [pequena propriedade], ao redor de Tarare, são várias oficinas, e Eeybaud diz que você costuma ver um rapaz de vinte anos que borda excelentes musselinas depois de ter limpado seu estábulo. A grande variedade de materiais tecidos e a invenção contínua de novos *designs*, frequentemente modificados para serem feitos lucrativamente por máquinas, são a verdadeira chave para a manutenção da manufatura rural. Quanto ao resultado de sua combinação com a agricultura, todas as descrições concordam que ela é benéfica à manutenção da agricultura e sem ela o campesinato dificilmente poderia resistir às ações depressoras que trabalham contra eles. E vale o mesmo no norte da França, onde temos produtos manufaturados espalhados lado a lado com importantes centros manufatureiros como Amiens, Lille, Foubaix e Rouen, entre outros. Até mesmo veludos de algodão e algodões lisos são tecidos em quantidade considerável nas aldeias do norte e da Normandia.¹⁴ No vale de

13 Provavelmente, Kropotkin se refere à Exposição Universal de 1878. [N.T.]

14 De acordo com Baudrillart, 2.500.000 libras de algodão simples foram tecidas em 1880 nas aldeias ao redor de Rouen.

Audelle, no *département* do Eure, cada aldeia e povoado são colmeias industriais e em todo lugar a agricultura prospera onde está combinada com a indústria. A comparação entre as habitações dos tecelões no campo e as áreas degradadas [*slums*] dos tecelões nas cidades industriais é gritante, e ainda é mais vantajoso para o campo se a aldeia mantém uma fábrica comunal, como ocasionalmente ocorre na Normandia. O apego dos tecelões ao solo é tão forte, que os fabricantes de roupas de Elbeuf, que não podem manter animais suficientes para cultivar o solo por si próprios, recorrem a um arranjo que eu vi também na Alta Savoia e que foi percebido em Clairvaux: um chefe de família na aldeia mantém o grupo necessário de cavalos e cultiva o solo para todos os outros, sendo sempre tratado com uma equidade escrupulosa, que também se aplica à máquina de debulhar ou, nos bairros vitivinícolas, à prensa de vinho.

A importância do comércio de seda, do qual Lion é um centro, pode ser verificada pelo fato de ele ocupar nada menos que 110.000 teares no departamento do Ródano e em sete departamentos vizinhos. Nos últimos anos, houve um avanço significativo no que diz respeito à tecelagem de *designs* mais complexos em teares mecânicos; objetos que antes considerados inviáveis para o maquinário agora são produzidos por meios mecânicos. Entretanto, a tecelagem de seda se mantém principalmente como um negócio doméstico e a fábrica o invade muito lentamente. O número de teares mecânicos na região de Lion era entre 6.000 e 8.000, em 1865, e esperava-se que ele fosse multiplicar rapidamente; mas, vinte anos depois, eles somavam apenas entre 20.000 e 25.000 dos 110.000 teares em atividade. A lentidão do progresso espanta até mesmo aqueles manufactureiros que foram convencidos de que os teares mecânicos devem suplantar a maioria dos teares manuais.¹⁵ A organização do comércio continua a mesma de antes – isto é, o tecelão de Lion é praticamente um artista que executa em seda os desenhos vagamente sugeridos pelo comerciante – enquanto na região circundante todos os tipos de seda, mesmo as mais simples, são cosidas nas casas dos trabalhadores. As condições dos tecelões de seda franceses têm sido as mais precárias durante os últimos anos, tanto porque a França não detém o monopólio do comércio quanto em decorrência da competição da fábrica, que agora manufatura todos os tipos mais simples de seda que antes eram feitas mesmo pelos melhores tecelões artesanais quando não havia encomenda por variedades superiores. No entanto, a fabricação manual de seda se espalha pela França; estendeu-se pelos departamentos vizinhos, tão distantes quanto a Savoia Superior, e chegou à Suíça; quanto a Lion, a indústria a abandona e ela se torna cada vez mais um mero centro para os melhores tecelões, que são capazes de executar prontamente quaisquer encomendas de novas e complicadas mercadorias a serem feitas pelos comerciantes.

As novas fábricas foram construídas principalmente nas aldeias, e lá podemos ver como elas arruinam os camponeses. Sobrecarregados com taxas e hipotecas, os camponeses franceses são compelidos a procurar uma renda adicional na indústria; seus rapazes e moças

15 De 110.000 teares, restaram apenas 15.000 a 18.000 em Lion, em contraste com os 25.000 a 28.000 em 1865. Por esses números, estou em débito com o presidente da Câmara de Comércio de Lion, que gentilmente me deu, em carta de 25 de abril de 1885, todo tipo de informação sobre os pequenos negócios da região de Lion, a quem tenho o prazer de expressar minha plena gratidão, assim como ao presidente da Câmara de Comércio de St. Etienne, que me supriu com as informações mais relevantes sobre os vários comércios da região de St. Etienne.

estão, portanto, prontos para assumir o trabalho na manufatura de seda ou renda, apesar dos baixos salários. Mas, estando suas casas espalhadas pelo campo a distâncias consideráveis das fábricas e as horas de trabalho sendo tão longas, eles são obrigados a permanecer nos galpões da fábrica e só retornar ao lar no sábado. Na segunda-feira, ao amanhecer, um comboio é enviado às aldeias para trazê-los de volta aos teares. Assim, em breve eles abandonarão completamente a agricultura e, tão logo sejam compelidos a se estabelecerem separados de seus pais, descobrirão que é impossível com viver os baixos salários atuais. Então, algumas das fábricas que dependem de baixos salários perecerão, e seus empregados serão compelidos a migrar para as cidades. Nota-se facilmente todo o estrago que a organização viciosa está fazendo nas aldeias, em vez de ser uma fonte de bem-estar, como deveria ser em condições diferentes.

Devo mencionar aqui o comércio de rendas, que ocupou quase 70.000 mulheres na Normandia e praticamente 200.000 pessoas em toda a França; a cutelaria do Alto Marne, um comércio de origem recente, que atingiu um alto grau de perfeição e agora se espalhou em trinta aldeias na vizinhança de Nogent; o comércio de tricôs em Troyes, onde 20.000 pessoas, usando uma variedade de pequenas máquinas, estão fazendo artigos tricotados de todos os tipos; o famoso comércio de relógios e joias do Jura; e a variedade de pequenos negócios – fitas de seda, seda com inscrições bordadas, ferramentas, armas, entre outros – na região de St. Etienne.¹⁶ Mas economizo meu espaço, pois tenho que dizer mais umas poucas palavras sobre os pequenos negócios de Paris.

A capital da França é um empório para pequenos negócios e indústrias domésticas, e, embora possua um número considerável de grandes fábricas, as pequenas oficinas prevalecem a tal ponto que o número médio de empregados em aproximadamente 65.000 fábricas e oficinas de Paris é de apenas nove. De fato, quase cinco sextos dos trabalhadores de Paris estão ligados ao comércio doméstico e fabricam uma variedade surpreendente de mercadorias que requerem habilidade, bom gosto e inventividade. A maioria dos pequenos negócios está ligada ao vestuário,¹⁷ mas joalheria, flores artificiais, artigos de papelaria, encadernação de livros, artigos de couro marroquino (500.000 libras por ano), fabricação de carruagens e cestos, entre outros tantos, são ramos importantes, cada um dos quais se distingue pela alta perfeição de seus produtos. É digno de nota que, embora as indústrias de Paris sejam caracterizadas principalmente pelo acabamento artístico, elas também se destacam pela variedade de máquinas práticas e baratas que são inventadas a cada ano pelos trabalhadores com o propósito de facilitar a produção. A *Galerie du Travail* [Galeria de Trabalho] da Exposição de 1878 foi extremamente instrutiva nesse

16 Dos 15.000 a 18.000 teares envolvidos na tecelagem de fitas em St. Etienne e sua vizinhança, nada menos que 12.000 a 14.000 pertencem aos próprios trabalhadores. O comércio já foi próspero, tanto que a maior parte das casas nos subúrbios de St. Etienne foram construídas pelos tecelões, mas há vários anos suas perspectivas se tornaram sombrias. A manufatura de armas ocupa entre 5.000 e 6.000 trabalhadores. Assim como as ferramentas, elas são fabricadas em grande número de pequenas oficinas ao redor de St. Etienne, Le Chambon, Firminy, Rive de Giers, entre outras áreas. Sobre outros pequenos negócios, alguns dos quais têm uma importância considerável, cito o cultivo de seda de Ardèche, o comércio de arame de Doubs, os fabricantes de roupas e luvas de Isère, os fabricantes de estacas, vassouras e pincéis de Oise (800.000 libras por ano) e os fabricantes de botões e sapatos de Drôme, entre outros.

17 Só os tecidos e mantos prefabricados são avaliados em 5.400.000 libras. Todos os anos; os espartilhos são feitos no valor de 400.000 libras em Paris e 2.000.000 libras no restante da França.

aspecto, pois exibiu em mil variedades o gênio inventivo das massas; e, ao percorrê-la, alguém pode se perguntar se todo esse gênio *deve* ser morto pela fábrica, em vez de se tornar uma nova fonte fértil de progresso sob uma organização aperfeiçoada da produção.

Os pequenos negócios e indústrias domésticas da Alemanha talvez ainda sejam mais importantes que aqueles da França. Noventa e sete por cento de todos os estabelecimentos industriais da Alemanha empregam menos de cinco operários, e mais da metade das 5.500.000 pessoas ligadas à indústria estão trabalhando nessas pequenas oficinas; embora elas sejam, em geral, menos de 10.000 fábricas que empregam mais de cinquenta trabalhadores. Além disso, 545.000 pessoas estão envolvidas nos comércios domésticos – ou seja, eles manufaturam para o comércio em suas próprias casas ou quartos – e dois terços delas pertencem à indústria têxtil. Existem regiões inteiras, tais como a Floresta Negra, partes da Saxônia, Baviera, Silésia e as províncias do Reno, onde os comércios domésticos, parcialmente vinculados à agricultura, são os principais meios de existência de numerosas populações. Deixem-me acrescentar também que temos, nas obras de Thun, Engel e várias outros, excelentes descrições de vários ramos do pequeno comércio alemão. Seria impossível examinar aqui os comércios pequenos e domésticos da Alemanha sem entrar em detalhes técnicos; portanto, permitam-me apenas mencionar que uma das características mais proeminentes dos comércios alemães é, por assim dizer, sua notável plasticidade. O progresso realizado em alguns deles – como, por exemplo, na cutelaria de Solingen ou no comércio de brinquedos da Floresta Negra – é notável. O primeiro foi completamente reformado para responder às novas demandas de mercado, e o segundo, estimulado a partir de um rápido início na produção de brinquedos artísticos e científicos, sob a influência de escolas de modelagem em argila e educação geral difundidas entre os trabalhadores. A organização de algumas dessas indústrias (especialmente do comércio de tricô) oferece os exemplos mais significativos de combinação bem-sucedida da luta contra os grandes capitais e adaptação às novas condições de produção, em meio a centenas de camponeses espalhados por uma grande área – da Suíça à Saxônia. Mas devo abster-me de entrar nesse tema tão interessante, pois preciso acrescentar algumas palavras sobre outros países.

Na Hungria, nada menos que seis por cento da população – isto é, 801.600 pessoas – estão envolvidas com a indústria doméstica, apenas os ramos têxteis empregam mais de 680.000 trabalhadores. Suíça, Itália e até mesmo os Estados Unidos também desenvolveram consideravelmente as indústrias domésticas; e existem partes da Bélgica das quais podemos dizer com plena segurança que, se a agricultura continuasse a prosperar ali, apesar de tantas influências hostis, ela seria a principal atividade porque os camponeses têm a possibilidade de acrescentar à sua renda os ganhos numa variedade de indústrias. Mas é especialmente na Rússia que podemos avaliar plenamente a importância das indústrias rurais e as perdas que o campo sofreria se elas desaparecessem.

As pesquisas mais exaustivas sobre o estado atual, o crescimento, o desenvolvimento técnico das indústrias rurais e as dificuldades que elas enfrentam foram feitas na Rússia. A pesquisa domiciliar envolve quase um milhão de casas de camponeses em toda a Rússia; em quinze volumes publicados pelo Comitê de Pequenos Negócios e em quase todas as principais assembleias provinciais, encontramos listas exaustivas dando o nome de cada trabalhador,

a extensão e estado de suas propriedades, suas criações, o valor de sua produção agrícola e industrial e seus ganhos do ponto de vista técnico, econômico e sanitário.

Os resultados dessas pesquisas são realmente relevantes, pois parece que, dos 80.000.000 de habitantes da Rússia europeia, nada menos que 7.500.000 pessoas estão envolvidas no comércio doméstico, e sua produção atinge, em estimativas baixas, mais de 150.000.000 libras, e mais provavelmente 200.000.000 libras (2.000.000.000 rublos por ano).¹⁸ Isso é equivalente, portanto, à produção total da grande indústria. Quanto à importância relativa de ambos para as classes trabalhadoras, basta dizer que mesmo no governo de Moscou, que é a principal região manufatureira da Rússia (suas fábricas rendem mais de um quinto do valor da produção agregada da Rússia europeia), as rendas agregadas derivadas pela população das indústrias domésticas são três vezes maiores do que os salários agregados ganhos nas fábricas. Mas a característica mais notável do comércio doméstico russo é seu estado repentino, que foi feito tardiamente pelas fábricas que começaram a crescer ainda mais depressa. Outra característica sugestiva é a seguinte: embora as províncias mais inférteis da Rússia Central tenham sido, desde tempos imemoriais, a base de todos os tipos de pequenos negócios, várias indústrias domésticas de origem moderna estão se desenvolvendo naquelas províncias que são mais favorecidas pelo solo e pelo clima. Assim, o governo de Stavropol no Cáucaso do Norte, onde abunda solo fértil em propriedades camponesas, tornou-se repentinamente a base de uma indústria de tecelagem de seda largamente desenvolvida nas casas dos camponeses, e agora fornece sedas baratas à Rússia, o que tem expulsado do mercado as sedas lisas outrora importadas da França.

As capacidades dos trabalhadores da indústria doméstica russa para a organização cooperativa merecem mais do que uma menção passageira. O baixo custo da produção manufaturada nas aldeias, fato realmente surpreendente, não se explica simplesmente pelas longuíssimas jornadas de trabalho e pelos salários baixíssimos, já que o excesso de trabalho (doze a dezesseis horas por dia) e os salários diminutos também são características das fábricas russas. Depende também da circunstância em que o camponês cultiva seu próprio alimento, mas sofre de uma constante falta de dinheiro, vendendo a produção de seu labor industrial a qualquer preço. Portanto, exceto alguns algodões estampados, todos os artigos manufaturados usados pelo campesinato russo são produtos de manufaturas rurais. Mas muitos artigos de luxo também são feitos nas aldeias, especialmente nos arredores de Moscou, por camponeses que continuam a cultivar suas propriedades. Os chapéus de seda que são vendidos nas melhores lojas de Moscou e carregam a etiqueta *Nouveautés Parisiennes* [Novidades parisienses] são feitos pelos camponeses moscovitas; então também o mobiliário de “Viena” das melhores lojas de “Viena”, mesmo que seja para abastecer os palácios. E o mais surpreendente não é a habilidade dos camponeses – o trabalho agrícola não é obstáculo para adquirir habilidade industrial –, mas a rapidez com que a fabricação de bens de luxo se espalhou em aldeias que antes manufaturavam apenas mercadorias de tipo rústico.

18 Depreende-se da pesquisa domiciliar, que inclui 855.000 trabalhadores, que o valor anual da produção que eles costumam manufaturar atinge 21.087.000 libras (com o rublo a 24 dimes), ou seja, uma média de quase 25 libras por trabalhador. Uma média 20 libras para as 7.500.000 pessoas engajadas nas indústrias domésticas já daria 150.000.000 libras para sua produção agregada; mas a maior parte dos investigadores autorizados considera tais dados subdimensionados.

Quanto às relações entre agricultura e indústria, não se podem examinar os documentos acumulados pelos estatísticos russos sem chegar à conclusão de que, longe de prejudicar a agricultura, o comércio doméstico, ao contrário, é o melhor meio para aperfeiçoá-la, uma vez que o camponês russo não tem nada para fazer nos campos durante vários meses do ano. Existem regiões onde a agricultura foi completamente abandonada em prol da indústria, embora naquelas regiões isso se tenha tornado impossível devido ao pequeno tamanho dos lotes e à pobreza dos camponeses, que foram arruinados por altos impostos e taxas de amortização.

Mas, quando os lotes são razoáveis e os camponeses não são sobretaxados, eles continuam a cultivar a terra; mantêm seus campos em ordem, e o número médio do gado é maior em lugares onde a agricultura anda de mãos dadas com o comércio doméstico. Mesmo os camponeses cujos lotes são pequenos encontram meios para alugar mais terra se ganharem algum dinheiro com seu trabalho industrial. Quanto ao bem-estar relativo, devo acrescentar duramente que ele sempre fica ao lado das aldeias que combinam os dois tipos de trabalho. Vorma e Pavlovo – duas aldeias de cutelaria, uma das quais é puramente industrial e outra que continua a cultivar o solo – poderiam ser citadas como exemplos frisantes dessa comparação.¹⁹

Muito mais deveria ser dito a respeito das indústrias rurais da Rússia, especialmente para mostrar o quão facilmente os camponeses se associam para comprar novas máquinas ou para evitar intermediários na aquisição de matéria-prima –, pois a miséria não é obstáculo à associação. Poderíamos citar também a Bélgica e especialmente a Suíça como bons exemplos, mas o que foi dito acima é suficiente para dar uma ideia geral da importância, dos poderes vitais e da perfectibilidade das indústrias rurais.

Os fatos que examinamos brevemente também mostrarão, em alguma medida, os benefícios que poderiam derivar de uma combinação da agricultura com indústria, se a última pudesse vir para a aldeia, não em sua forma atual de fábrica capitalista, mas na forma de uma produção industrial socialmente organizada. De fato, o traço mais proeminente dos pequenos negócios é que só há um relativo bem-estar onde ele se combina com a agricultura. Afóra alguns negócios artísticos que proporcionam um bem-estar comparativo aos trabalhadores nas cidades, em todos os lugares encontramos apenas um longo registro de exploração do trabalho, inclusive infantil, e miséria. Mas, mesmo em meio à miséria geral, existem oásis de relativo bem-estar, e esses oásis invariavelmente aparecem onde os trabalhadores permaneceram na posse do solo e continuam a cultivá-lo. Mesmo entre os tecelões de algodão do norte da França ou de Moscou, que devem considerar a competição da fábrica, o bem-estar relativo prevalece, desde que eles não sejam compelidos a abandonar suas terras. Antes pelo contrário, assim que a alta tributação ou o empobrecimento durante uma crise obrigou o trabalhador doméstico a abandonar seu último pedaço de terra ao usurário, a miséria rasteja para dentro de sua casa, embora a competição da fábrica possa ser irrelevante em seu comércio (como no de brinquedos). O empregador se torna o todo-poderoso, recorre-se a um terrível excesso de trabalho e frequentemente todo o comércio entra em decadência.

¹⁹ Purgavin, em *Vyestnik Promyshlennosti*, junho de 1884.

Tais fatos, bem como a tendência pronunciada das fábricas migrarem em direção às aldeias, são muito sugestivos. É claro que seria um grande erro imaginar que a indústria deva retornar ao estágio de trabalho manual para ser combinada com a agricultura. Sempre que se pode obter uma economia de trabalho humano por meio da máquina, ela é bem-vinda e será utilizada; e dificilmente existe um único ramo da indústria no qual o trabalho do maquinário não poderia ser introduzido com grande vantagem, ao menos em alguns dos estágios preliminares de fabricação. No presente estado caótico da indústria, podemos fazer pregos e canivetes à mão ou tecer algodão simples no tear manual; mas esse caos não vai durar. A máquina substituirá o trabalho manual na manufatura de artigos simples, enquanto o trabalho manual provavelmente estenderá seu domínio no acabamento artístico de muitas coisas que agora são inteiramente feitas nas fábricas. Mas surge a pergunta, por que os algodões, tecidos de lã e as sedas, que agora são cosidos à mão nas aldeias, não deveriam ser cosidos por máquinas nas mesmas aldeias, sem romper a conexão remanescente com o trabalho nos campos? Por que não deveriam centenas de indústrias domésticas, agora movidas inteiramente à mão, recorrer a máquinas que economizam trabalho, como já o fazem no comércio de tricôs? Não existe razão para que o motor pequeno não seja de uso mais geral do que agora, quando não existe a necessidade de termos uma fábrica; e não há razão para que a aldeia não tenha sua fábrica onde quer que o trabalho seja útil, como já vemos ocasionalmente na Normandia. É evidente que agora, sob o sistema capitalista, a fábrica é a maldição da aldeia, pois ela chega para empobrecer seus habitantes; e é bastante natural que seja combatida por todos os meios pelos trabalhadores, caso eles logrem manter suas antigas organizações comerciais (como em Sheffield ou Solingen), ou se não foram ainda reduzidos à pura miséria (como no Jura). Mas, sob uma organização social mais racional, a fábrica não encontraria tais obstáculos: ela seria uma benção para a aldeia.

As vantagens morais e físicas que o homem derivaria da divisão de seu trabalho entre o campo e a fábrica são evidentes. Mas a dificuldade reside, como dissemos, na necessária centralização das indústrias modernas. Na indústria, assim como na política, a centralização tem muitos admiradores! Mas, em ambas as esferas, o ideal dos centralizadores precisa ser revisto com urgência. De fato, analisando as indústrias modernas, logo descobriremos que para algumas delas a cooperação de centenas ou mesmo milhares de trabalhadores reunidos no mesmo local é realmente necessária. As grandes siderúrgicas e mineradoras pertencem decididamente a essa categoria; os barcos a vapor oceânicos não podiam ser feitos nas fábricas das aldeias. Mas várias de nossas grandes fábricas não são outra coisa senão aglomerações sob uma administração comum de várias indústrias distintas; enquanto outras são meras aglomerações de centenas de cópias da mesma máquina. Essa é a situação da maioria de nossos estabelecimentos de fiação e tecelagem. Sendo a manufatura uma empresa estritamente privada, seus proprietários consideram vantajoso ter todos os ramos de uma dada indústria sob sua própria administração; assim, acumulam os lucros das indústrias auxiliares. Mas, de um ponto de vista técnico, as vantagens dessa acumulação são insignificantes e duvidosas. Mesmo uma indústria tão centralizada como a de algodão não sofre absolutamente com a divisão da produção entre várias fábricas independentes; vemos isso em Manchester e nas cidades vizinhas. Quanto aos pequenos negócios, nenhum inconveniente é experimentado em decorrência de uma subdivisão ainda maior entre as oficinas no comércio de relógios e vários outros itens.

Frequentemente ouvimos que um cavalo-vapor custa muito em um motor pequeno e pouco em um motor dez vezes mais potente; que o *pound* [0,45 kg] do fio de algodão custa muito menos quando a fábrica dobra o número de fiadeiras. Mas tais cálculos só são satisfatórios para as indústrias de produtos semimanufaturados para transformações posteriores. Quanto às incontáveis mercadorias que derivam seu valor principalmente da intervenção de mão de obra qualificada, elas podem ser mais bem produzidas em pequenas fábricas com algumas centenas e mesmo dezenas de empregados. Mesmo nas condições atuais, as fábricas leviatãs oferecem grandes inconvenientes, já que não podem reformar rapidamente seu maquinário de acordo com as demandas constantemente variáveis dos consumidores. Quanto aos novos ramos da indústria que mencionei no início deste artigo, eles devem iniciar a produção em pequena escala; e podem prosperar em cidades pequenas, assim como nas grandes, se as aglomerações menores forem providas de instituições que estimulem o gosto artístico e o gênio inventivo. O progresso alcançado recentemente na Alemanha, particularmente em aldeias que estão ocupadas com a fabricação de brinquedos, assim como a alta perfeição atingida na fabricação de instrumentos matemáticos e óticos, são exemplos em questão. A arte e a ciência não são mais um monopólio das grandes cidades e progressos futuros surgirão de sua disseminação pelo campo.

Quanto às condições naturais das quais depende a distribuição geográfica de indústrias em dado país, é óbvio que existem alguns pontos mais adequados para o desenvolvimento de determinadas indústrias. As margens dos rios Clyde e Tyne certamente são mais apropriadas para estaleiros de construção naval, que devem estar rodeados por uma variedade de oficinas e fábricas. As indústrias sempre encontrarão algumas vantagens ao serem agrupadas, em uma extensão limitada, de acordo com as características naturais de regiões distintas. Mas devemos reconhecer que elas *não* estão agrupadas de acordo com essas características. Causas históricas – principalmente guerras religiosas e rivalidades nacionais – têm relação com seu crescimento e distribuição geográfica, e ainda mais considerações quanto às facilidades para venda e exportação; isto é, considerações que estão já perdendo sua importância com o crescimento das facilidades de transporte e perderão ainda mais quando os produtores produzirem para si mesmos e não para consumidores distantes. Mas por que, em uma sociedade racionalmente organizada, Londres deveria permanecer o grande centro para o comércio de geleias e conservas, bem como para a manufatura de guarda-chuvas com destino a quase todo o Reino Unido? Por que os pequenos negócios de Whitechapel deveriam permanecer onde estão, em vez de se espalhar por todo o país? Por que Paris deveria refinar açúcar para quase toda a França e Greenock para a Rússia? Por que metade das botas e sapatos usados nos Estados Unidos deveriam ser manufaturados em 1.500 oficinas de Massachussetts? Não há absolutamente nenhuma razão para que essas e outras anomalias persistam; e a dispersão de indústrias em todas as nações civilizadas será necessariamente acompanhada pela futura dispersão de fábricas no território de cada nação.

A agricultura precisa tanto da ajuda dos habitantes das cidades que, a cada verão, milhares de homens deixam as periferias das cidades e vão para a temporada de colheita no campo. Os despossuídos de Londres vão aos milhares para Kent e Sussex como fazedores de feno e apanhadores de lúpulo; aldeões na França abandonam suas casas e indústrias domésticas no verão e rumam às partes mais férteis do país; e na Rússia existe, todos os anos, um êxodo

de centenas de milhares de homens que viajam do norte em direção às pradarias do sul para a colheita, enquanto muitos manufatureiros de São Petersburgo reduzem sua produção no verão, porque os empregados retornam às aldeias para cultivar seus lotes. A agricultura extensiva não se mantém sem mãos adicionais no verão; mas elas são ainda mais necessárias temporariamente para *melhorar* o solo e multiplicar dez vezes seu poder produtivo. A escavação a vapor, a drenagem e a adubagem transformariam as argilas pesadas do noroeste de Londres num solo muito mais rico do que o das pradarias americanas. Para se tornar férteis, essas argilas demandam trabalho humano simples e não qualificado, como aquele que é necessário para cavar o solo, colocar tubos de drenagem, pulverizar fosfatos e outras substâncias; e esse trabalho seria realizado com satisfação pelos trabalhadores fabris se eles fossem devidamente organizados numa comunidade livre para benefício de toda a sociedade. O solo clama por ajuda e poderia obtê-la sob uma organização apropriada, mesmo que fossem necessários vários moinhos no verão para esse propósito. Sem dúvida, os atuais proprietários das fábricas considerariam ruinoso se tivessem que parar suas máquinas por vários meses todos os anos, porque se espera que o capital envolvido numa fábrica bombeie dinheiro todos os dias e a cada hora, se possível. Mas essa é a visão capitalista do problema, não a visão comunitária. Quanto aos trabalhadores, que deveriam ser os reais administradores da indústria, eles acharão saudável não fazer o mesmo trabalho monótono o ano inteiro e o abandonarão para o verão, se de fato não encontrarem meios para manter a fábrica funcionando ao ajudar uns aos outros em grupos.

A dispersão de indústrias pelo campo – assim como a instalação da fábrica no campo para fazer com que a agricultura obtenha todo o lucro que sempre encontrou ao se combinar com a indústria (veja-se o leste dos Estados Unidos da América) – e a combinação da indústria com o trabalho agrícola é seguramente o próximo passo a ser dado, assim que for possível uma reorganização de nossas condições atuais. Esse passo é imposto pela necessidade de se produzir para os próprios produtores; é imposto pela necessidade de cada homem e mulher saudável empregar parte de sua vida no trabalho livre ao ar livre, e isso se tornará mais necessário quando os grandes movimentos sociais, que agora se tornaram inevitáveis, vierem a perturbar o atual comércio internacional e obrigar cada nação a se valer de seus próprios recursos para garantir seu sustento. A humanidade como um todo, bem como cada indivíduo separadamente, ganhará com a mudança, e a mudança ocorrerá. Mas tal mudança também implica uma modificação completa de nosso atual sistema de educação; uma sociedade composta por homens e mulheres, cada qual capaz de trabalhar tanto com as mãos quanto com o cérebro e a fazê-lo em mais de uma direção.

Recebido em: 11 dez. 2021
Aprovado em: 24 fev. 2022